

Arqueologia trasmontana

O Castro de Sacóias

O castro de Sacóias, concelho de Bragança, que tam abundante literatura arqueológica já conta¹, acaba de exhibir-nos mais alguns documentos do seu passado. A seguinte lápide funerária (fig. 1), encontrada nesse castro, estava na povoação a servir de tapagem na parede dum lameiro de José Bernardino Vidal no sítio denominado À Cancela.

Lápide de granito fino.

Letras bem feitas como do primeiro século.

Comprimento da lápide.....	0 ^m ,44
Grossura.....	0 ^m ,12
Largura variável e na maior	0 ^m ,21
Corpo das letras.....	0 ^m ,05

Infelizmente só resta do monumento uma parte, a outra desapareceu por quebradura.

Na 1.^a linha vê-se bem nítido um I e menos claro o X. Na 2.^a a primeira letra parece ser a perna de um A, mas não se percebe bem, devido à quebradura; as restantes são claras e parece que a lápide não tinha mais carreiras de letras, devendo supor-se que só faltam as que desapareceram pela quebradura.

As letras estão gravadas num quadrilátero rebaixado na superfície da lápide. Por baixo do letreiro, em outro quadrilátero, há em relêvo um quadrúpede, de que também a quebradura levou parte do corpo que, mal se vê, sugere logo a idea de ser um porco. Assim o classifiquei logo, e assim o classificaram mais de vinte pessoas que assistiram ao exame, sem eu lhes comunicar a minha idea.

Pelo quadrúpede pode a lápide approximar-se doutras encontradas no distrito de Bragança, como a do Castelo de Oleiros da Bemposta (Mogadouro)², a das ruínas de S. Mamede (Ar-

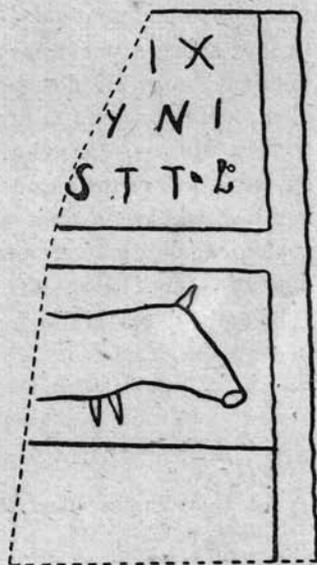


Fig. 1

¹ Vid. *O Arch. Port.*, XII, 259, onde ela se indica.

² *O Arch. Port.*, III, 73.

gozelo, concelho do Vimioso), na qual o quadrúpede é classificado de porco¹, e a de Pinhovel (Macedo de Cavaleiros), que também parece ser porco².

Ao norte de Portugal e ainda em Espanha encontram-se, em tamanho natural, muitas figuras de porcos, símbolos dum preistórico culto ibérico, monumentos sepulcrais e talvez votivos alguns³. Assim temos: a Porca da Vila, em Bragança⁴; o Berrão do Adro, de Parada de Infanções⁵, que por sinal é fêmea, como se vê da vulva bem evidente, embora na localidade lhe dêem o nome de macho; a Porca de Failde (Bragança)⁶; a Berroa da Torre de Dona Chama⁷; os Berrões das Cabanas de Moncorvo, eram sete; uma *vezeira* descoberta pelo erudito arqueólogo Abade José Augusto Tavares⁸; a Berrozinha da Açoreira (Moncorvo)⁹; a Mulher de Pedra, de Fornos (Freixo de Espada à Cinta)¹⁰; a Porca de Murça¹¹.

A estes devemos aditar um outro que supomos inédito e encontramos em San Vitero, já território espanhol, mas fronteiriço à região portuguesa de Miranda do Douro, numa excursão arqueológica que lá fizemos em Novembro de 1918, de que daremos conta. Nesta excursão encontramos um miliário romano e uma lápide funerária, além do monumento de que estou falando; conserva-se êle pôsto a prumo sôbre a parte posterior do corpo, à entrada do adro da igreja de San Vitero. É dos maiores que temos visto, e feito de granito. Tem *covinhas* como muitos outros, e 1^m,30 de comprimento.

Em Mairos, concelho de Chaves, numa casa de João Aires, que eu habitei durante alguns anos que paroquiei essa freguesia, havia, metidos na parede, dois quadrúpedes; não é fácil a sua classificação zoológica, de carácter arqueológico, que vieram das ruínas romanas denominadas Tróia, sitas no termo da freguesia.

Também em Malhadas, concelho de Miranda do Douro, vi dois

¹ *O Arch. Port.*, VI, 97.

² *Id.*, XV, 2.

³ J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, III, 36 e 39, e I, p. xxxvii.

⁴ *Ibid.*, p. 22.

⁵ *Ibid.*, p. 24.

⁶ *O Arch. Port.*, XV, 333.

⁷ J. L. de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, III, 20.

⁸ *Ibid.*, p. 25.

⁹ *Ibid.*, p. 29.

¹⁰ *Ibid.*, p. 613.

¹¹ *Ibid.*, p. 16.

na casa do Raposo, numa excursão que fiz a essa região em 1910; não me souberam, porém, indicar a sua proveniência.

É grande pois o prestígio do porco como símbolo cultural.

O porco era insignia militar dos soldados espanhóis antigos de cavalaria, e ainda algumas moedas de Clúnia, do tempo dos romanos, têm por divisa um javali¹. Na *Iliada*, canto XIX, descreve Homero os ritos com que Agamemnon, general em chefe das hostes gregas, oferece a Júpiter um suíno em testemunho da sinceridade do seu juramento, e no canto XXIII, entra o cerdo nas honras funerárias tributadas pelo herói Aquiles a Pátroclo. De resto Homero frequentes vezes recorre ao porco para suas comparações e exemplificações.

As expressões — *é tam honrada como a Porca da Vila* — [de Bragança] ou — *é tam honrada como a Porca da Murça* — são correntes em terras de Bragança para indicar mulheres de costumes fáceis e mesmo homens de pouca probidade, e como explicação do símile injurioso dizem que a essas duas Porcas caíu o rabo, de gasto à força de titilações sobre a vulva.

A *matança* (morte do porco) é celebrada entre cada família trasmontana com grande entusiasmo — uma verdadeira festa!

O prolóquio diz:

Em chegando o S. Tomé [22 de Dezembro]

Mata o porco e segura-o pelo pé:

Se disser qué, qué,

Dize-lhe que tempo já é.

É corrente, para indicar a precária situação de uma família o dizer-se: — *É tam pobre que nem matou!*

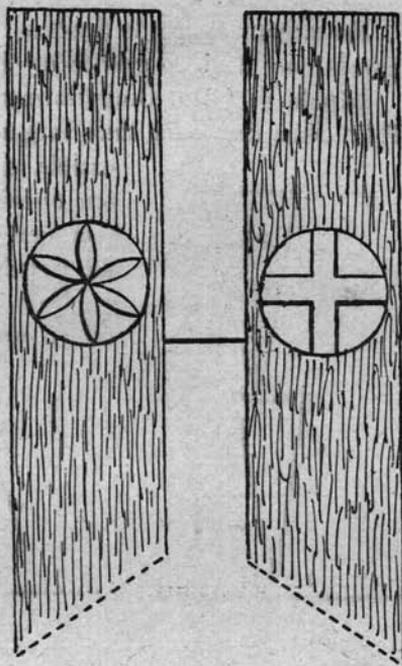


Fig. 2

¹ Florez, *España Sagrada*, VII, 273.

De resto o porco é a base alimentícia do Trasmontano, juntamente com o centeio, o vinho e as batatas: é a sua caixa económica, pois todos os rebotalhos de cozinha lhe servem para os devolver em óptima carne. Lá diz o ditado: *das carnes, o carneiro; das aves, a perdiz e sobretudo a codorniz; mas se o porco voara não havia carne que lhe chegara.*

Do mesmo castro de Sacóias, veio a seguinte cabeceira de sepultura de que damos o gráfico n.º 2.

Lápide de xisto. Comprimento 0^m,69. Largura 0^m,23. Grossura 0^m,17. Num dos lados mais largos tem, como se vê do gráfico, uma estrêla de seis raios em relevo dentro de um círculo rebaixado na lápide. No oposto tem uma cruz, também em relevo, dentro de um círculo igualmente rebaixado.

Num dos lados mais estreitos tem em relevo ornato, que se vê na fig. 3, sendo porém incisa a cruz que está dentro.

E no outro lado tem êste em relevo (gráfico n.º 4).

Desapareceu por quebradura um canto no fundo da lápide e no



Fig. 3



Fig. 4

que ficou percebem-se ainda os restos de um sulco que parece haver sido ornato. No tope da parte superior abriram-lhe a meia grossura, —a meia madeira— como dizem os carpinteiros, um chanfro para adptá-la a nova serventia.

Esta lápide é o primeiro documento que aparece a mostrar que à vida pagã no castro de Sacóias se seguiu a cristã, pois idênticos pelos emblemas crucíferos são conhecidos desde os primeiros séculos do cristianismo¹.

Apareceu mais, perto do mesmo castro de Sacóias, um machadinho de fibrolite, idêntico, mas um pouco maior do que descrevemos nesta revista, vol. XII, p. 271, e outro de pedra, e no mesmo castro duas fibulas —uma de cobre de secção cilíndrica, outra, talvez de bronze, coberta de bela pátina e de secção angular— bem como al-

¹ O Arch. Port., XIX, 334.

gumas moedas romanas do tempo do império. As duas fíbulas são de tipo idêntico ao das figs. 2 e 3 d-*O Arch. Port.*, x, 106, mas estão completas.

Baçal, Março de 1919.

P.^o FRANCISCO MANUEL ALVES.

Uma fórmula mágica

Ha alguns anos adquiri para o Museu Etnologico Português, do espolio do falecido numismata D.^or Isidoro Ferreira Pinto, uma curiosa medalhinha de prata, que vai representada de tamanho natural na fig. 1 e 1-A (anverso e reverso), segundo desenhos de Saavedra Machado: no anverso lê-se: *sator || arepo || tenet || opera || rotas ||*; e no reverso vê-se o emblema da Inquisição, isto é, uma cruz erecta no monte-Calvario, entre uma oliveira, á direita d'ela, e uma espada, á esquerda, com a ponta para o ar. A medalha tem duas argolas de suspensão, uma fixa, e outra movel. Será trabalho do sec. XVII, ou ainda do XVI.

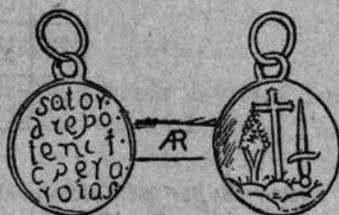


Fig. 1

Fig. 1-A

Os dizeres do anverso acham-se também traçados, dentro de um quadrado, num manuscrito do sec. XVII, pertencente á nossa Biblioteca Nacional, cod. 589 (marcação moderna), fls. 52 v: vid. fig. 2. A subscrição do quadrado assinala perfeitamente a particularidade da leitura.

Quem está familiarizado com as fórmulas mágicas, sabe que esta é bastante conhecida, e que foi já várias vezes publicada e estudada. Entre nós mesmos a temos, por exemplo, no *Almanach da Beira*, Viseu 1872, p. 119 (sem explicação alguma, e apenas com tradução *ad libitum*); num artigo que dei a lume em 1885, e reproduzi nos *Ensaio Ethnographicos*, III, 174; numa tatuagem de um individuo da Figueira da Foz, publicada num opusculo de Rocha Peixoto, *A tatuagem*, Porto 1892, p. 27; e noutro artigo meu, na *Revista Lusitana*, VI, 244, d'onde consta que ella é eficaz contra a acção das Bruxas, quando recitada á direita e ás avessas. De fóra do nosso país, occorrem-me as seguintes circunstâncias, entre outras: a fórmula é boa contra as dôres de dentes, proferida cinco vezes (Zurich)¹

¹ *Archives Suisses des trad. pop.* II, 259.